

POLITICA CONSERVADORA

Oeiras, 23 de Outubro de 1881.

Ha algum tempo o publico divisou um *Justus* que *justicava* pelas colunas da «Imprensa» n.º 688. Um justo n'este tempo ! e na «Imprensa» ! *Mirabile* ! Este pau tem formiga... pensamos nós; e sacudindo o jornal logo cahiu uma *giguitaia*, toda assenhada, porque «alguem que se intitula chefe do partido conservador de Oeiras pretende libertar do jugo de nosso senhor Paranaguá alguns servos do feudo da Mourama, com promessas e tricas interessantes, &c.»

Nem por estar tão zangado o bichinho, podemos conter o riso: — *promessa interessante* pôde se comprehender; mas *trica... interessante* ! á Sufa ! É uma coisa que repugna a todo homem sizado—essa monstruosidade moral. Este, enojado, desvia d'ella os olhos, deixando ao interesse sordido do velho o sondar-lhe os escapinhos. *Pega ladrão* ! Aqui escorregou *Justus* na seboza carapuça.

Elle que ponha em campanha a *esbintice dos menir* do Sabino, com o *sciencia do Cabano*, a *firmesa do Suino*, a *malicia do Curral-velho* e *Virgilio*—ainda assim(!)—não será capaz de apontar com o seu *decantado dedinho de gigante* esse—«alguem q' se intitula chefe do partido conservador de Oeiras» E a razão é simples; o nosso chefe não é titulado; essa distincção lhe é conferida espontaneamente pela adheção unanime de seus correligionarios; elle não se impõe, não se inculca—respeita a independencia dos seus amigos, preferindo a imparcialidade á discordia entre os seus.

Este não se intitula, é *chefe* do nosso partido e coronel da guarda Nacional Mas não se chama Jesuino. Este tambem é coronel; mas só é *chefe* por emquanto chefe *titulado* pela Chancellaria Martins e Freitas com a rubrica Paranaguá, em cujo bastão se inscreveu a clausula de occorrer ás despezas da politica *muambeira* porque *foi para isto que se lhe-deu a procuradoria de SS. AA. (!)*.

(Foram estas, ouvimos dizer, por quem sabe, as proprias palavras do impetuoso Pachá de Picos, por occasião de intimidar-lhe o seu *volo*, *possum et jubeo* na celebre questão dos Brandões, na qual ficou provado até á evidencia que os chefes *por emquanto tambem* só o são *im partibus—domino placendo*).

É verdade que o major Deolindo deu em uma *passeiata* liberal vivas ao coronel Jesuino Moura—*chefe do partido liberal de Oeiras* (ipsis verbis). Mas este viva de genro á sogro não será um *caldo de doente* ou pelo menos um assomo de despeito da preclara familia ? Em geral pensou-se assim; e para que milhor se possa julgar

vou contar a cousa como ella se deu:

—Eram vespuras de uma eleição municipal; os archótes, poucos, mal destacavam as pessoas na vastidão das trevas; um pequeno grupo de homens, todos liberaes e dos mais distinctos, percorriam as ruas da cidade, e, com muzica á frente, veio estacionar defronte da casa que occupava o capitão Carlos Brandão; parou a muzica; o silencio de convenção se fez, e a espectação do momento cessou ao brado do corajoso major—*viva o coronel Jesuino Moura &c.* Felizmente era de noite, e estava escuro, como disse; não obstante, vio-se a modestia cobrir a cara com as mãos e o ridiculo, como morcego maligno, tadejando a face de todos, trincar-lhes aos labios os dentes, e depois... fugir esvoaçando porentre o fumaceiro do bombastico *vivó e*. Aqui *Justus* fez como o marinheiro do conto popular, áquem um susto determinou a comprar *sabão por tucinho*.

É por lá, aonde a incentivo individual e o sentimento da propria dignidade agonisaram debaixo dos pés de um senhor omnipotente e morreram com os Borges Castello-Branco, Tibério Burlamarque, Antonio Leoncio e José Candido; e por lá—n'esses arraias aonde a liberdade pranteia em grilhões, forçada a decorar com seus emblemas a mais ignobil servidão; é por lá—que os chefes se intitulam. Entretanto, d'aqui ha pouco, talvez não seja mais assim.—Um chefe *presumptivo* vai se erguendo no seio do partido liberal de Oeiras.—o capitão Cyro Ferraz—As regalias da nova lei estimularam o eleitorado; e a livre manifestação de sympathias tem dado, aqui e alli, bons cheques ao chefe *titulado*. Os *Jacús* cortaram as pevides; os *Frades* enforcaram os habitos; estes não querem mais fazer o papel de eunúchos do *Rei Moura*; aquelles lobrigaram o *rabo da raposa*. Não sei bem como a cousa se tem operado; porem affirmo que muitos soldados têm desertado do *castello Mauritiano* para virem alistar-se sob as bandeiras do novo Peláio. A'esse castello faltaram os ganços do Capitão; e foi um *Galo* quem deu o grito de alarma. Mais uma differença notou-se; e foi que os soldados alertas, em vez de correrem á trincheira, bateram em retirada com armas e bagagens, deixando desgarrados os bastões. O publico estremeceu com o fracasso; e houve quem suppozesse que a scena das thermopilas celebraria um novo Leonidas. Mas, qual ?!... o chefe *titulado* tem pé ligeiro: fez meia volta á direita, e foi cantarolando que a arte de Machiavel não vale a flauta de Melibeo, e que os ares da «Ladeira» são mais frescos que as virações do «Mocha». (Feliz creatura, á quem só fastam as ventarolas de Ali Babá !).

Toda essa briosa phalange dos *independentes* descarregará os seus votos, e sabido, em o nosso illustrado corre-

lionario e amigo Dr. Polidoro. O pessoal liberal oirense está firme em suas fileiras ! ! » Aqui *Justus claudico* sem ser coxo; e nós o apanhamos depressa fica bem visto.

Em quanto ao mais... meu caro *Justus*, fica para logo. Então verás:—se o Tenente Coronel Pinheiro deu prova de caduquice por se ter aliado ao partido conservador, e se o partido liberal tom direito á sua perpetua adheção: se o que dizem os catholicos d'este partido em relação á Igreja são aleivosias; se o Vigario da Valença e o medico de Oeiras são *jesuitas, hypocritas, levianos e intrigantes*; e finalmente... se estás na altura de fallar n'essas cousas.

Eis um bocadinho tão gostoso que deve ser mastigado *petit-á-petit*. Somente te peço que me releves a tardança. Houve para isto motivos que eu não quero dizer-te, até porque... dezejo que d'ahi induzas a immensa consideração que me mereces. Até breve: adeusinho !

Ninguém.

(Continúa.)

Parte Religiosa.

Dr. Clodoaldo de Freitas e as—Vições de hoje—de Martins Junior.

Quem melhor do que a liberdade de erro pode assassinar o espirito ?

Santo Agostinho.

(CONTINUAÇÃO.)

Já fizemos notar que, sem um fim digno da magestade divina, o universo, cujas maravilhas nos enchem de pasmo e admiração, seria uma obra incomprehensivel. Acrescentamos que o mesmo seria da existencia do homem, sem uma missão toda divina, e por conseguinte sem a immortalidade de nossa alma. D'ahi nossa crença, nosso reconhecimento, nossa esperança. D'ahi o sentimento religioso, sua manifestação, a adoração, o culto.

Esta verdade é tão constante, e exerce tão grande influencia sobre o coração e a intelligencia, que o homem prefere muitas vezes soffrer a deixar de crer. Na propria hora do soffrimento, em presença da crueldade dos tyrannos não vacilla o espirito humano.

Da tudo isto, porém, escarnece o contemporâneo !

É assim que, tomado da maior vaidade, lança estas terriveis palavras ao dominio da publicidade: « O homem atheo ou beato, pouco importa, é antes de tudo cidadão. Nada vale a crença. » D'onde vem esse profundo desgosto em um homem ainda tão moço ? D'onde essa cruel indifferença á matar-lhe a mais santa das cren-

ças ? Perderá a associação em ter religião ? Ou será, antes, esse sentimento o seu mais rico elemento ? Decahirá o civismo em abraçar-se com o Christianismo ?

Não ha fatuidade maior, nem doutrina mais deploravel, e contradictoria com a civilização humana, diz Mendes da Cunha, do que suppor que o Christianismo é um remedio exclusivo para a felicidade de uma vida futura.

Pois o Divino Legislador ensinando a sua Moral aos homens entendeu por ventura que ella não fosse propria para o governo dos Estados, e que se devera simplesmente considerar, como uma perfeição só capaz de fazer Santos para o céu; mas não corpos de cidadãos, ou de povos recommendaveis pela força, e solidez de sua união e pureza de intenção em cada um dos seus membros ? Quem assim pensa, exclama elle, não tem bem comprehendido os verdadeiros fundamentos da moral universal. E logo em seguida, ainda assim se exprime: Não pode haver uma constituição firme, tranquilla e livremente sustentada por todos os cidadãos, quando as primeiras virtudes de um povo não são a humanidade, a generosidade, o desinteresse, o reconhecimento, a sinceridade, a officiosidade, a modestia. Jesus Christo, que conhecia a fundo nossa natureza, e a mutua dependencia das cousas, sabia que antes de ser cidadão, é necessario ser homem; e que jámais os governos podem ser regulares, felizes e solidos sem a pratica d'estas virtudes; que ellas serão impossiveis se não fossem a regra de nossas acções e costumes os preceitos e conselhos, q' Elle nos ensinou com o seu exemplo e sellou com o seu sangue. Eis a razão, continua elle, porque o Salvador para dissipar os primeiros vícios veio a raiz do coração do homem; e por isso a sua doutrina não só converte á todas as politicas, mas é incontestavelmente a moral natural revestida d'esto grão de excellencia, que os sabios, e os philosophos pagãos nunca poderão penetrar.

O sentimento religioso e sua manifestação, acrescenta Colombel, não são sómente uma homenagem da creatura ao seu Creator, senão tambem o laço mais efficaz que possa vincular o homem ao homem. Apagar o sentimento do que devemos a Deos diz elle, seria ao mesmo tempo aniquilar o sentimento do q' devemos aos nossos semelhantes. Para quem o homem se julgaria obrigado, si chegasse a persuadir-se que não o era para com Deos ? »

Vem aqui a proposito dizermos á respeito d'este ultimo escriptor, o que com relação á Benjamin Franklin dizia o sempre lembrado Dr. Mendes da Cunha: « Não nos demoremos com esta ultima supposição do publicista francez; porque um coração tão puro, como o seu, sentia melhor os deveres do homem, do que a multiplicidade de seus erros e aberrações. »

A primeira questão á resolver n'esta secção é, evidentemente, esta:

Quiz Deos a união entre a sociedade religiosa e a sociedade civil, entre a Igreja e o Estado?

Entra ella na ordem estabelecida pela Divina Providencia, para a felicidade do mundo e gloria do seu Autor?

Primeiramente, o que se deve entender por esta expressão geral *união* entre a Igreja e o Estado?

Ella significa, diz um escriptor que temos á mão, o mutuo concurso que se devem prestar a sociedade religiosa e a sociedade civil para attingir cada uma o seu fim. Quiz Deos esta alliança?

Para saber si a Igreja e o Estado se devem auxiliar no desempenho de sua missão, diz o erudito Padre Jaughey, si nós faz mister, em primeiro lugar, conhecer o fim particular d'essas duas sociedades, porque é evidente que, si esses dois fins fossem contrarios ou independentes, a união das duas sociedades não teria entrado na ordem estabelecida pela Divina Providencia.

Vejam os pois, diz elle, em primeiro lugar, qual é o fim da sociedade civil, do q' se chama « Estado. » O fim directo e particular do Estado é proporcionar aos membros da sociedade a prosperidade temporal, principalmente pela manutenção da ordem publica e dos bons costumes, e pela protecção dos direitos de cada um.

Mas, alem d'este fim primario e directo, não tem o Estado um outro que seja seu fim final?

Sim, seguramente, exclama o eminente Thologo, e não me será difficil provar-o.

A prosperidade temporal dos individuos, pela qual trabalha a sociedade civil, consiste no exercicio e desenvolvimento, tão perfectos quanto possível, de suas faculdades da alma e do corpo. Mas para que forão dadas essas faculdades ao homem, e á que fim se deve elle propor, exercendo-as? Deos lh'as deo, e elle as deve exercer em vista de um fim final, q' glorifique seu Autor, e o torne a si mesmo feliz. Este fim só pode ser alcançado na outra vida, e nós christãos, a chamamos — salvação ou vida eterna. A religião e a philosophia, pelo menos, a que reconhece a existencia de Deos, estão de accordo n'este ponto. A vida eterna, eis, pois, o fim final proposto aos esforços do individuo e da sociedade. O fim da vida humana e por consequente da sociedade, diz São Thomaz, é Deos: *Finis humanae vitae et societatis est Deus.*

Ora, o essencial do fim final, é que tudo lhe deve estar subordinado. O homem é, pois, obrigado á nunca perder de vista a vida eterna e á fazer ou praticar cada um de seus actos no intuito de obtel-a. O cumprimento ou execução de seus deveres religiosos e de seus deveres de cidadão, o desenvolvimento dado pelo trabalho ás suas faculdades espirituas e corporaes, á sua fortuna, ao seu poder, tudo deve ser para elle um meio de chegar á vida eterna. A prosperidade temporal, que o Estado tem a missão de procurar, e que não é outra coisa senão a prosperidade dos individuos considerados em se todo, é, por consequente, subordinada ao fim final d'esses individuos, e para ahí os deve conduzir quer directa, quer indirectamente.

Pode-se e deve-se, pois, dizer que, si a prosperidade temporal dos cidadãos é o fim directo da sociedade ci-

vil, sua salvação eterna é o seu fim final.

Vejam os, de outra parte, continua o expositor já citado, qual é o fim da sociedade religiosa?

Para que foi ella estabelecida?

Evidentemente, — ella mesma o proclama — para conduzir os homens á vida eterna.

A Igreja e a sociedade civil devem, pois, dirigir-se, a primeira directamente e a outra indirectamente á um mesmo fim final, que é a gloria de Deos pela salvação eterna de suas creaturas. D'ahi resulta, para essas duas sociedades, a obrigação de viver em boa intelligencia; porque si uma opprime á outra, prejudica á si mesmo, visto como obsta a salvação dos homens, que é seu proprio fim final. E', pelo contrario, de seu interesse auxiliarem-se, visto como, em ultima analyse, o fim de seus esforços é identico.

Esta necessidade de accordo entre as duas sociedades, no seio das quaes vivemos, provem não só da identidade de seu fim final, mas ainda da unidade do assumpto sobre o qual obrão; porque é mesmo homem q' é ao mesmo tempo christão e cidadão.

Si o Estado e a Igreja não estão de accordo, elle se vê necessariamente forçado á desobedecer á uma ou á outra das duas autoridades, ás quaes Deos o submetteo.

D'outro lado, continua o mesmo autor, os individuos tomados collectivamente, formão o Estado, ou antes são o proprio estado. Ora, ainda q' o estado, como tal, não tenha alma que salvar, cada um d'aquelles que o compõem a tem, e todos são obrigados empregar todas as forças de q' dispõem no interesse de sua salvação.

Entre essas forças, uma das mais consideraveis é, sem contradicção, a a autoridade que Deos lhes concede para o governo da sociedade civil.

Essa autoridade deve, tambem, ser empregada no interesse da gloria de Deos e da salvação das almas.

Si podesse-se, chegar á esse fim, diz Santo Agostinho, pelo esforço da natureza humana, seria necessariamente da funcção do rei proporcionar-lo aos homens... Mas, como o homem attinge a bemaventurança em Deos, não pela virtude humana, mas, pela virtude divina, segundo a palavra do apostolo, compete ao governo divino, e não ao poder humano dirigir os homens para esse fim.

Esse governo pertence á um rei que não é somente homem, mas que é tambem Deos, á Nosso Senhor Jesus Christo que, fazendo os homens filhos de Deos, os conduzio á gloria celeste...

Em consequencia, para que as cousas espirituas ficassem distinctas das temporaes, a administração d'esse governo foi confiada, não aos reis da terra, mas aos padres, e principalmente ao soberano Pontifice, successor de Pedro, e Vigario de Jesus Christo, o Pontifice de Roma, a quem todos os reis da terra estão sujeitos, como a Nosso Senhor Jesus Christo.

De seu lado, assevera o illustrado Padre Jaughey, a Igreja não póde regular e eficazmente preencher sua missão senão nos paizes onde reinão a ordem e a paz: por consequente, seu proprio interesse lhe impõe uma lei de auxiliar os governos em sua obra.

De outra parte, é uma obrigação para ella, obrigação que ella jamais alienou, ensinar á seus filhos a pratica de todos os seus deveres, e entre esses deveres um dos primeiros

é a obediencia á autoridade civil. D'esse modo ainda, presta ella necessariamente seu apoio ao Estado, e realisa, por sua parte, as condições de sua alliança com a sociedade civil.

Como vedes, exclama o autor já citado, basta reflectir um instante sobre a essencia e fim das duas sociedades para vér-se claramente que seu dever é se auxiliarem reciprocamente, e que tal é a vontade do seu commum Autor.

Em quanto ao mais, é o que o senso commum de todos os seculos e de todas as nações tem perfectamente conhecido.

Os antigos legisladores nos deixarão muitas constituições e os antigos philosophos muitos escriptos sobre o governo dos povos: estudai-os exclama o mesmo autor, e não achareis um só legislador que não estabeleça um só philosopho que não ensine a união, muitas vezes mesmo, a unidade das duas sociedades civil e religiosa.

Um erro tão universal, como o das idades precedentes, sobre um ponto de moral tão importante, seria uma coisa estranha, e não deixaria mais autoridade ao que se chama o (senso commum) o *consensus omnium*, principal base das verdades moraes ensinadas pela philosophia.

Sobre o grande problema das relações da Igreja e do Estado, posto pelos tempos modernos, continua o erudito Padre Jaughey, a razão e o bom senso dos povos ensinão, pois, que o Estado e a Igreja devem ser unidos. Me será facil, acrescenta elle, mostrar-vos que neste ponto como em tudo mais, a fé está de accordo com a razão.

Lançai os olhos sobre a historia da Igreja Catholica, e sobre a das seitas separadas; ellas attestão, d'uma maneira irrecusavel, que a sociedade religiosa christã, herdeira dos ensinamentos de Jesus-Christo, sempre desejou viver em união intima com a sociedade civil, porque ella sempre tem crido que tal era a vontade de Deos.

Muitas vezes, se tem visto a Igreja obrigada a lutar contra o Estado pela conservação de sua independencia; porém nunca a virão pedir a separação.

D'esde o dia abençoado, em que a cruz, sahindo das cataumbas, brillou pela primeira vez sobre a frente dos reis, até o tempo presente, o throno e o altar sempre tem vivido em relações muito intimas. Amigas ou inimigas, nunca as duas sociedades professarão uma pela outra esses sentimentos de indifferença, que hoje se esforcão de inculcar-lhes.

Não somente a Igreja, continua o eminente Padre Jaughey, tem constantemente professado, em sua conducta, a doutrina da união das duas sociedades; como a tem mui explicitamente ensinada como um dogma de sua moral. Eis ahí, acrescenta elle, algumas provas tiradas dos escriptos dos Papas e dos Padres, que não podem deixar duvida sobre este ponto:

« Não deveis jámais esquecer, escrevia São Leão ao imperador do mesmo nome, que o poder real vos foi dado, não somente para o governo do mundo, mas ainda e (principalmente *maxime*) para defesa da Igreja.»

« O céo, diz de seu lado São Gregorio — o Grande — se dirigindo ao imperador Mauricio, deo á piedade de meos mestres o poder sobre os homens, para que aquelles que desejarão

o bem sejam ajudados, para que o caminho do céo seja mais largamente aberto, e que o reino da terra seja o servidor do reino do céo.»

Na carta de São Agathão ao sexto concilio geral lê-se:

« O Todo-Poderoso, confiando aos principes a guarda da sociedade christã, quer que elles usem de seu poder para procurar e conservar sem mancha a verdade ensinada por esse Deos, de quem elles teem a realisação e que é elle mesmo o rei dos reis, o senhor dos senhores. Que invidem elles, pois, todos os seus cuidados para fazer reinar em todas as Igrejas a verdadeira doutrina, a que foi ensinada pelos Apostolos e transmittida por seus successores.»

« Uma cousa, diz Santo Agostinho escrevendo ao governador Bonifacio, uma cousa é, para o principe, servir á Deos, em quanto homem, outra cousa servir-o em sua qualidade de principe. Como homem privado, elle o serve vivendo fielmente, como rei, promulgando leis proprias á fazer reinar a justiça e a reprimir a iniquidade, e as sancionando com um vigor conveniente. Os reis servem o senhor em quanto reis, quando fazem por sua causa o que só os reis podem fazer.»

O mesmo Santo Agostinho, accentua o autor já citado, explica assim o seu pensamento: « Os reis obedecem ao preceito de servir á Deos, em sua qualidade de reis, si ordenão o bem e prohibem o mal em seus Estados, não somente quanto as cousas da sociedade humana, mas ainda quanto ás da religião divina. Em vão, direis, exclama elle, em vão direis: Deixemos o livre arbitrio. Por que não pedis a mesma cousa quanto ao homicidio, estupro, e todas mais infamias que são reprimidas por leis seguramente justas e salutareis?»

« Vossa Paternidade o sabe, diz Yves de Chartres ao Papa Pascoal II quando o imperio e o sacerdocio estão de accordo, o mundo é bem governado, e a Igreja produz flores e fructos; mas quando ellas estão em luta, não somente as cousas ainda fracas não prosperão, como o que é já grande parece miseravelmente.»

Emfim, continua o sabio Padre Jaughey, o Papa Pio IX, no exercicio de suas funcções de doutor infallivel da Igreja, classificou no numero dos erros a proposição seguinte, inserida no *Syllabus errorum* de 1864: A Igreja deve ser separada do Estado, o Estado separado da Igreja.

Muito teem ditto os theologos em apoio d'esta verdade.

Deve ella, pois, ser considerada como incontestavel por todo o catholico digno d'esse nome. Todavia, acrescenta o autor já citado, tem ella encontrado, mesmo em nossas fileiras, mais de um contradicção, e as objecções que se lhe oppõem são tão especiosas como numerosas. No numero seguinte trataremos d'essas objecções e suas refutações.

(Continuar-se-ha.)

REVISTA DO ESTRANGEIRO

Correspondencia Franco-Brazileira

Pariz, 19 de Setembro de 1881.

A imprensa franceza sempre esteve dividida, e nunca os jornalistas conseguirão juntar-se em uma sociedade fraterna. Varias vezes q'zerão-se

tentativas nesse sentido, e todas foram sempre baldadas. Ultimamente, porém, o deputado Eduardo Lockroy, do *Rappel*, poz-se á frente de alguns collegas para organisarem uma sociedade de jornalistas republicanos. O projecto teve muita aceitação, e a novel sociedade leva vida prospera. Tratava-se, porém, de dar-lhes meios da vida. Os jornalistas assentaram em organizar uma festa, que se realizou hontem, domingo, no jardim das Tulherias.

Imaginem os leitores o vasto recinto desse formosissimo passeio, a pibado de theatrinhos, barracões, estrados, palacetes, kiosques com os jornalistas e as atrizes mais lindas a venderem jornaes, flores, fructas, livros, brincos etc. A festa começou pela manhã, e á meia noite, havia ainda 100 mil pessoas no jardim. Foi um divertimento original e sem ceremonias. O bilhete só custava um franco, e dava direito, não só á entrada, mas a uma lotaria, cujo premio maior é de uns 8 contos ou 20 mil francos. Em summa, festa esplendida, que muito servirá para consolidar a nascente associação.

Creio já ter annuciado aos leitores que aqui chegou o insigne Almirante Barão do Amazonas para ser operado da cataracta. Esperavão os medicos que o tempo fosse menos quente para tentar a operação em condições melhores. O medico do Barão é o Dr. Wecker, oculista conhecido e de grande nomeada. A operação effectou-se, com effeito, ha tres dias. O illustre enfermo não tomou chloroformio, e tudo passou-se muito bem. Só d'aqui a dias saberemos se a operação teve o desejado effeito. Estavão presentes: o filho do Barão, o Dr. S. Coutinho (propagador do Jabarandi), e o Dr. Manoel José Barbosa, nosso vice-consul aqui, o qual tem prodigalizado ao heroe do Riachuelo as mais significativas provas de admiração e amizade.

Dias antes de soffrer a operação da cataracta, o Barão do Amazonas perdeu aqui um dos seus mais velhos amigos: o chefe de divisão Subra, que falleceu repentinamente de uma congestão pulmonar. O velho marinheiro, que militou na armada imperial desde os tempos da Independencia, comandava o encouraçado *Brazil* na guerra do Paraguay. Falleceu pobre, em um pobre albergue da rua de Moscou. Era de origem franceza, pois nascera em Perpignan em fins do seculo passado.

A inesperada e lisongeira aceitação que encontrou o nosso periodico *O Brazil, correio da America do Sul* por parte da imprensa franceza e da numerosissima colonia luso-brasileira aqui residente, despertou logo em muitos o desejo de fazer obra igual. Assim é que annuncia-se uma multidão de periodicos Luso-Brasileiros que aqui se estão para publicar. Já tinhamos a *Revista de Medicina e Os Dous Mundos*. Vamos agora ter outra folha illustrada, do Sr. Lino de Assumpção, intitulada *O Correio do Brazil*. O Sr. P. S. Lamas, director do « *comptoir sud-americain* », annuncia outra publicação com gravuras, *O Globo Illustrado*, e, como se tudo isso não bastasse, parece que o Dr. Ferreira de Araujo tambem está planejando a publicação de uma folha illustrada. O periodico *Le Brésil* distingue-se dessas publicações por ser o seu intuito dar a conhecer á Europa as cousas e os homens do Brazil,

America do Sul e Portugal, rebatendo todos os preconceitos que por aqui correm contra esses paizes tão poucos conhecidos. O seu fim não é meramente theorico; pois, tem em vista alliciar para as empresas desses paizes os capitães que lhes faltam, e sem os quaes não ha progresso possível. Eis ahí o motivo da grande aceitação que tem logrado.

Em uma correspondencia de S Petersburgo para o « *Voltaire* » encontramos o seguinte:

« O czar não se parece nada com o rapaz firme e energico, um pouco reservado e sombrio, que soube desempenhar com tanta arte o papel difficil de sustentar neste paiz, de príncipe herdeiro.

« Tornou-se incapaz para qualquer trabalho de espirito prolongado, o que se pôde attribuir ao estado de constante inquietação em que vive.

« Quanto a imperatriz, parece tão sómente a sua propria sombra.

No dia em que se soube da recente descoberta da dynamite que devia fazer rebentar o navio imperial, disse no seu quarto, com as lagrimas nos olhos, ás damas de honor:

« — Que sorte é, pois, a nossa e que morte nos estará reservada? »

A de nosso pai ou a de Luiz XVI e de Maria Antonieta? »

Em Clareland (cidade de Ohio) tal é a aceitação que tem a homoeopathia que chega a haver uma « *compañia de seguro sobre vida* », favorecendo aos clientes da homoeopathia, estabelecendo as tarifas dos riscos a 10 1/10 menos para as pessoas que a ella se submettem.

São atravessados todos os mares do globo por uma frota mercante de 49.524 navios de vela, inscriptos no « *Bureau Veritas* », isto é reconhecidos como em estado de navegar para grandes distancias, com toda a segurança.

Estes navios pertencem a todas as nações e representam um conjunto de 14 milhões de toneladas; em uma só viagem poderiam transportar um peso de 14,500 milhões de kilogrammas.

A estes navios deve accessantar-se 5472 de vapor, de uma tonelagem bruta de 5 milhões de toneladas e liquida de 3 1/2 milhões deduzido o peso das machinas e do combustivel.

Destes numeros pertencem á Inglaterra as nove decimas partes.

SEÇÃO LIVRE

Por ter sahido com alguns erros typographicos esta poesia, de novo publicamos:

Meu Amigo.

Eu julguei que minh'alma opprimida,
Tão affeita aos transportes da dor,
Não podesse gozar n'esta vida
As suaves doçuras do amor.

Eu julguei que do berço fadada,
Para dor's carpir sem cessar,
Minha lyra plangente, maguada,
Não soubesse outro canto soltar.

Eu julguei... era engano! em minha alma
Devastada por agro soffrer,
D'entre ruina uma flor doce e calma
Surge aos poucos, e a faz reviver!

Esta flor — violeta discreta —
Que receia o perfume espargir,
E' o enlevo!... é a chamma secreta
Que me faz tuda crer no porvir.

Dos efflovios que grata derrama
Brotam vida... esperanças a fluz;
Respirando — a minh'alma s'inflamma,
E s'eleva a uma esphera de luz!...

7 de Setembro de 1881.

LUIZA ANELIA.

Virgem perdida.

Vede-a. Era Vesper surgindo deslumbrente
Cercada de esplendor!
Mas ahí cobria-lhe a fronte empretecida nuvem
E roubou-lhe o fulgor!

Vede-a. Era assucena da campina
Setinosa e louçau!
Ergui'a fronte immaculada e pura
Da vida na manhã!

O seio tinh'a transbordar de aromas
E as pe'lhas cor de rosa!
Nos gosos da innocencia se enlevava
A florsinha mimosa!

Banhava-se na luz vivificante
Do sol quando nascia!
A brisa lhe beijava docemente
E tudo lhe sorria!

Mas encantos e perfumes tudo foi-se,
E eil-a emmurechida!
Agora em vão suspira e tem no peito
Saudades d'outra vida!

Não mais no meio da campina pode
Alçar a fronte pura!
A borboleta já roubou-lhe a joia
Que lhe deu a natura!

Julho — de 1881.

AREOLINO DE ABREU.

Preces.

Hoje, que o pranto nos humedece as faces
E que as magoas nos opprimem mais,
A' Deus, o justo, recorramos crentes.
A' Deus pedi resignação, meus pais,

Averdade um dia reconhecerão os homens,
(Isto espero, pois que Deus é justo)
O innocente então se levantará ás pressas
E o calumniador se encherá de susto.

Hoje o luto, a confusão, o choro,
Os dissabores que a calunnia traz,
Nem um riso que nos console a dor...
Nossa ventura nos ficou atrás.

Adens oh! sonhos, que sonhei fagueiros,
Infancia qu'rida, que me onvio o erro;
Após de vós o infortunio veio...
Vós só fostes o precursor do pranto.

Hoje, que o pranto me humedece as faces
E que as magoas me opprimem mais,
A' vós, senhor, eu impio crente:
— Dai-me allívio, attendei meus ais.

Theresina, 12 de Novembro de 1881.

Ch. J.

CHRONICA SEMANAL

Casou-se no dia 10 do corrente, na Igreja de N. S. das Dores, o Sr. Antonio Borges Pimentel com a Exm.^a Sr.^a D. Isabel Candida Pedreira. Desejamos ao joven par toda a sorte de venturas.

Na referida Igreja casou-se tambem no dia 12 d'este o Sr. Francisco Antonio Freire com a Exm.^a Sr.^a D. Emilia Sá Viaoua Passos Freire. Aceite o joven par nossas felicitações.

Depois de longos padecimentos, exbalou o suspiro derradeiro na noite de 17 do corrente o capitão Raimundo Theotônio da Moura, bom cidadão e excellente pai de familia.

Sentimentamos a todos os seus filhos e parentes que hoje chorão sua perda.

Pelo ultimo correio recebemos os numeros 119 e 120 do utilissimo « *Jornal do Agricultor* », contendo os seguintes artigos:

O 1.^o — Exposições de café. — Milho, celeste. — Jaspes. — O veneno das cobras. — Chloral. — Receitas para doç. Bolo do mato. — Bolos de Amor — Cultura da figueira. — Economia domestica. — Mancha na seda. — Veterinaria para criadores. — Anatomia dos ossos do cavallo. — Quadro synoptico dos ossos. — Das articulações. — Jardinagem e Horticultura — Rosa Mistress Harry Tumer. — Chimica e Phisica Agricola. — Agua. — Azedinha. — (Analyse). — Medicina Domestica. — (Continuação). — Dyspepsia. — Receita de Cozinha. — Pepinos recheiados — Plantas Uteis do Brazil. — (Continuação) — Artocarpas. — Maximas Agricolas. — Terra Roxa e a Massapé — (Continuação). — Densidades e Hygroscopicidade. — Terra Roxa do Morro Azul. — Terra Roxa de Ibicaba. — Terra Roxa da Bessaca. — Terra roxa do Ribeirão Preto. — Massapé Vermelho e Massapé Preto do Rozario. — Massapé do Morro Azul. — Oleo de Umiry. — Animas Indigenas de Macahé. — Inajá. — Origem do Guarda Chuva. — (Usos e costumes.)

O 2.^o Cultura do Trigo. — a Imigração Chinezã. — Maximas Agricolas. Mecanica Agricola. — Seccador Taunay Telles. — Receita de Cozinha. — Purée de feijão branco. — Cultura do Algodoeiro. — (Continuação). — Sementeiras em buracos ou orificios isolados. — Sementeira à mão e ao acaso Sementeira com o plantador ou com o semeador. — Sementeiras em viveiros, camadas e transplantação. — Economia Domestica. Conservação das ervilhas. Limpeza das esculpturas. — Cold-Cream. — Zoologia. — (Continuação). — Tecido nervoso. — Tecido osseo. — Tecido cartilaginoso. — Diferentes funções dos animaes. — Arroz. — (Analyse). — Industria Pastoral. — (Continuação). — Raças ovinas inglezas. — Raças ovinas da Escossia. — Jacamim. — A Batata Carvalha. (Tupinambour). — Receita para Doce. — Creme de baunilha. — Broas de polvilho. — Plantas Uteis do Brazil. — (Continuação). — Artocarpas. — a Electricidade e a Vegetação. — Chimica e Phisica Agricola. — Agua. — (Conclusão). — Espine'l. — Ambuzeiro. — Oleo de Patua. — Conhecimentos Uteis. — Formação dos stactites e stalagmites.

O prefeito da policia de Pariz recebeu, ha dias, cartas de um pobre marido, dos muitos que vivem atraçados na Babylonia moderna.

As cartas são curiosas, como vamos ver:

« Sr. prefeito. — Um sujeito, chamado Chevillard, acaba de roubar-me minha legitima esposa, Cecilie Pétard. Que devo fazer? Queira proceder em meu nome, como melhor convier aos nossos interesses. — Zeferino Duran. »

Como o prefeito não respondeu, o pobre diabo dirigiu-lhe segunda carta, nestes termos:

« Sr. prefeito. — E' inutil occupar-se de meu negocio. Acabo de roubar a mulher de Chevillard. E' uma compensação. Como sei o que tenho a

fazer, prescindindo dos seus serviços. Sempre prompto para o que lhe for prestavel.—Zeferino Duran.

ANNUNCIOS.

Sociedade « Calceirense ».

Tendo comprado para a presente sociedade, 22 bilhetes da loteria do Maranhão (1.ª extracção) e 6 dos quaes forão premiados com 12\$000, e sendo mesquinho o dividendo, resolvei o seguinte: Premios do 6 bilhetes— 12\$000 menos:

Annuncio da 1.ª sociedade. 3\$000
Idem da presente..... 1\$000

4\$000

Liquido R.ª..... 8\$000

Com a importancia acima comprei para mesma sociedade 4 bilhetes da loteria do Maranhão, de numeras 7:364, 10:971, 11:614, 11:488 e Reão em meu poder.

Theresina, 18 de Novembro 1881.

Sylvano Assumpção.

Sociedade Jeromenhense.

Os bilhetes numeros 9971, 7361, 7363, 9717, 10676, 10813, 11160, 11490, e 14963, da 2.ª loteria a beneficio da Santa Caza de Misericordia do Maranhão, pertencem a sociedade acima, composta dos seguintes Sars.: Gonçalo Francisco da Rocha.

Maria Emilia de Carvalho e Rocha.
Francisco Godophredo de Buillon e Rocha.

Bazilio Francisco da Rocha Carvalho.

Evarista Maria de Jesus.
Antonia Antonieta de Carvalho.
Claudio José Gomes Ferreira.
Candida Maria da Conceição.

Pharmacia Pedreira

Para as artes.

Acidos de todas as qualidades.
Tintas de todas as cores.
Vernizes, gomas, gomas-resinas, colla, alcool a 36.º
Grageu, sangue-drago, sandalo rubro, macicote.
Pinceis, brochas, lixas.
Pão de ouro e de prata, carmin, ribique, cochonilhas e pinceis de pellos finos.
Papel de seda, de lustro, de marmore, e de cores variegadas.
Potassa, salitre, enxofre, breu, &
Cyanuretos, bromuretos, sulfuretos, iodureto, &
Oleos— de linhaça, amendoas, e louro.
Essencias— de rosas, de alfazema, de aniz, de cravo, de hortelã, de canella, de laranja, de arruda &

PREÇOS MUITO RASOAVEIS.

18—Rua Grande—18.

Bon Marché.

AOS MARCINEIROS.

Falhicha para cadeira, vende-se por menos preço do que em outra qualquer parte. Podem vir, que comprarão.

Fazenda de Linho.

Fazenda de linho de uma só cor, para vestidos, gostos inteiramente novos, Vende-se em casa de João da Cruz & Irmão.

Theresina, 18 de Novembro de 1881.

Bon Marché.

CUIAS JAPONEZAS.

Vende-se n'este estabelecimento.

Grande sortimento.

José Martins Teixeira & Irmão, annuncio aos seus freguezes e ao publico em geral que acabão de receber directamente de Paris, Inglaterra e Portugal, pelo vapor inglez « Theresina », o mais completo sortimento de fazendas, miudezas, molbados e ferragens, que promettem vender com abatimento de 15 á 20 O/O ao preço que vendem seus collegas, visto que receberão directamente da Europa.

Os mesmos annunciantes garantem a boa qualidade das mercadorias.
Theresina, 5 de novembro de 1881

2.ª Loteria do Maranhão.

6:000\$000

O abaixo assignado, tem bilhetes para vender a 2:100. Segundo cartas do Maranhão a loteria correrá até o fim do corrente mez, inpreterivelmente

Luiz Manoel Soares.

Café

Em saca de 60 kilos.... 33:600
Em casa de Luiz Manoel Soares—
Rua Grande n.º 35.

JAPECANGA

DEPURATIVO POR EXCELLENCIA.

Preparado de A. Avellino.

As reconhecidas propriedades deste vegetal como depurativo são muito conhecidas desde longa data. Unido a outros em identicas condições, afam de outras, torna-se um medicamento recommendavel pelo prompto resultado que, com o seu uso, se pode obter na cura das molestias syphiliticas, escropulosas, rheumaticas e da pelle, na amenorrhéa ou falta de menstruação, flores brancas e outros fluxos seja qual for sua natureza &

A efficacia deste preparado, por mim verificada desde 1872, me anima a chamar para elle a attenção dos illustres medicos da provincia.

Unico deposito em Theresina. Raimundo Gomes de Souza & C.ª e no Amarante, Silva e Primo.

A. Avellino. (7)

DIGESTIVO COMPLETO

VINHO EUPEPTICO

Do **Dor VIAL DE RAJAT** de Paris

APPROVADO PELA ACADEMIA DE MEDICINA

CONTENDO OS TRES FERMENTOS DA DIGESTAO
PEPSINA DIASTASE E PANCREATINA

RECEITADO POR TODOS OS MEDICOS para os Digestões tardias e laboriosas, Dyspepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, caimbras do estomago vomitos, convalescencias lentas, etc.

Consultar a nota acompanhando cada garrafa

DEPOSITO GERAL

J. BATARD MORINEAU & C.ª, Droguistas
50, Boulevard Strasbourg, em PARIS
Tomar cuidado com as falsificacões.

Unicos depositarios no Rio de Janeiro—Silva Gomes & C.

FUNILARIA

CICERO DA COSTA NEVES,

recentemente chegado da capital do Maranhão, onde se aperfeçoara na arte de FUNILARIA, annuncia ao respeitavel publico, que tem aberto sua officina em casa de seu pai, capitão João da Costa Neves, á **RUA DA PALMA** desta cidade.— Assim, pondo a disposição do mesmo publico, os seus serviços, assegura a sua pontualidade e zelo nas obras de qualquer especie que lhe forem encommendadas, e para que possa sua dita officina ser acreditada pede e ousa contar com a concurrencia não só do distincto corpo commercial como de todos os habitantes d'esta provincia.

Promette tambem acondicionar para fóra as encommendas que lhe forem feitas.

Theresina, 17 de Outubro de 1881.

Machinas.

Receberão Raimundo Gomes de Souza & C.ª—machinas de Singer verdadeiras para pé e mão—e vendem muito barato, porém a dinheiro.

Tijollos e Telhas.

Lucio Moreira da Silva, com estabelecimento de olaria a margem do Parabyba, junto a quinta do capitão Fernando Freire, tem muitos milheiros de tijollos grandes de alvenaria bem queimados. Vende barato e obriga-se a pol-os na obra; tambem tem porção de telha boa e ladrilho. Não faz questão de preço.

CHAPÉOS DEMOCRATAS.

Contra as dores da cabeça:

Renovão a memoria e refresca o entendimento!

Sahidas de baile e Feichús, Bolcincinhas de veludo e de couro da Russia,

Proprias para as senhoras elegantes!
Tinteiros, régoas, facas de asso polido para cortar papel.

Canêtas de madeira, 3 por 40 rs.
Vende-se na Livraria Economica.
Unica casa onde se vende barato!

Rapé Gasse a 1:150

Dito Princeza a 1:100

Vendem M. R. da Paz & C.ª

6:000\$000.

Bilhetes da segunda loteria do Maranhão, que deve correr no fim de novembro vindouro, vendem a 2\$100.
Antonio G. Portellada Sobrinho & C.

Instrução primaria.

D. Maria Emigdia Castello-Branco, ex-adjunta da directora do antigo collegio do Amparo, desta cidade, continua á receber alumnas em sua aula, a rua Paysandú n. 9, —mediante a modica mesalidade de reis 3\$000.

Bon Marché.

PARA NOIVADO.

Popelina branca, botinas idem, gravatas idem, ligas elasticas para meias, alfinetes dourados, fitas brancas, luvas de Jouvin para homem e Sr.ª.

Vinde a este estabelecimento, que encontrarão tudo por preços reduzidos, visto a proximar-se o fim do anno.

Theresina—Rua Paysandú de — 1881